

SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO  
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE

## PLANO DE TRABALHO

### 1. IDENTIFICAÇÃO

#### 1.1 ÁREA: CIÊNCIAS

#### 1.2 PROFESSOR PDE: ROSANA NARDI THEODORO LEMES

#### 1.3 PROFESSOR ORIENTADOR IES: VIRGÍNIA MAISTRO

### 2 TEMA DE ESTUDO DA INTERVENÇÃO: SEXUALIDADE

O período da vida humana que começa na infância até a fase da puberdade caracterizada por mudanças corporais e psicológicas abordando os comportamentos do indivíduo na vida escolar é o tema de estudo deste trabalho. Evidenciando a percepção sobre o desenvolvimento do corpo e as mudanças de atitudes, procuramos explanar de forma simples e com clareza as diferenças entre sexo e sexualidade e desmistificar as curiosidades e preocupações e comportamentos exagerados de nossos adolescentes com faixa etária entre 10 a 21 anos pertencentes a escola de nosso município. A metodologia utilizada é a problematizadora, onde a educação não tem metodologia única, nem técnicas fixas, é orientada por alguns princípios: a percepção da realidade, e o trabalho em grupo.

### 3. TÍTULO: Descobrimos a sexualidade.

### 4. PROBLEMATIZAÇÃO DO TEMA:

A sexualidade é uma energia vital que nasce com o ser humano e continua até sua morte. Essa função é responsável pela reprodução da espécie. Tem no ser humano a especificidade de transcender o aspecto meramente biológico manifestando-se também como um fenômeno psicológico e social. Na adolescência, a sexualidade tem uma dimensão especial, pois é nesta fase que se manifestam a capacidade reprodutiva do ser humano e a configuração de sua identidade sexual, mas estes adolescentes buscam

novos referencias de vida e deparam-se com uma pluralidade de normas, valores, crenças, frequentemente contraditórias.

A sociedade emite mensagens conflitantes sobre sexualidade. Aceita e até incentiva sua banalização, deixando que as crianças e adolescentes sejam bombardeados pelos estímulos erotizantes da mídia, e ao mesmo tempo em que os adultos tem dificuldades em abordar o assunto com os jovens. Torna-se então extremamente difícil instrumentalizar nossos alunos a respeito do tema, pois eles estão chegando para nós com imagens distorcidas, conceitos errados, atitudes e valores desregrados que não condizem com o que vem a se sexualidade humana.

Afinal, de quem é a tarefa de desmistificar os conceitos e apresentações sobre sexualidade humana?

## 5. DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O comportamento de nossas crianças e adolescentes no espaço social que é a escola, que vem acarretando enormes prejuízos no processo ensino-aprendizagem. Uma das causas para explicar os modos de conduta violenta está, sem dúvida na falha familiar no que se refere à construção de relações afetivas e ao estabelecimento de limites para poder conter e mediar a agressividade da criança entre outras . Da mesma forma os modelos de conduta violenta ou contraditória por parte das figuras parietais contribuem de maneira decisiva, desde a primeira infância.

Neste contexto, inserimos o tema sexualidade que é difícil de ser tratado, mas com a própria definição diz ser uma manifestação ontológica da condição humana, que é uma constituição intrínseca do ser humano ( Nunes e Silva ,1997 ), tem início portanto na infância, quando a criança tem seu primeiro contato com a realidade através da alimentação, do carinho materno, dos primeiros contatos físicos, e das primeiras sensações de prazer e desprazer. Nessa etapa surge a curiosidade sexual, que impulsiona as primeiras descobertas sobre sexo, deixando dúvidas que se não forem esclarecidas provocam conflitos, ansiedades, tensão e até agressividade. Daí a importância da educação sexual nas escolas, que precisa estar acontecendo como um processo espontâneo e normal na vida das crianças e adolescentes, e não de forma isolada de seu contexto social envolvendo todos os aspectos: psicológicos, afetivo ,social ,econômico e histórico, numa forma de superação de conceitos estereotipados e repressores que vem formando a estrutura da sexualidade humana ,advindas do mundo externo como a mídia, a sociedade, a estrutura familiar que cerceia estas crianças e adolescentes, e que está influenciando seu comportamento percebido nas escolas.

## 6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

A sexualidade é uma das questões que mais têm trazido dificuldades, problemas e desafios aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar.

Estamos sendo desafiados a entrar num campo onde costuma perdurar a incompreensão, a improvisação do senso comum, o repetir de preconceitos e quase sempre o descaso, no tocante aos estudos sobre sexualidade.

Para nossa compreensão, precisamos definir o termo sexualidade:

Segundo Figueiró (2006), sexualidade é uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “ parte do corpo”.

Como afirma Nunes (1996, p.145), “a sexualidade humana é qualitativamente diversa da sexualidade (sexo?) animal; nela estão embutidos valores da comunidade humana, da história social, da economia, da cultura e até da espiritualidade conquistada na lenta construção da identidade do homem realizada pelo ser humano na sua trajetória histórica”.

Reconhecendo, também, a sexualidade como uma construção humana, Melo (2001, p.132) afirma que ela é uma “dimensão existencial, parte inseparável da condição humana, histórica, processual e mutável, assim como o é o Ser no mundo junto a outros seres “.

A manifestação da sexualidade dos alunos no espaço escolar ou, mais comumente, seu comportamento na sala de aula está, de modo geral, exacerbada, tendo em vista a forma como a sociedade atual e os meios de comunicação, têm abordado o tema. Este tipo de comportamento tem afetado diretamente todo o processo ensino-aprendizagem.

Segundo Nunes e Silva (2006), se quiséssemos representar duas atitudes comuns de pais e educadores sobre a sexualidade em duas tipologias usando metáforas dominantes, poderíamos citar a “pedagogia do bombeiro“, entendendo como aquela intervenção unilateral de supostamente “apagar focos de incêndios“, no tocante as curiosidades sexuais dos alunos ou a “pedagogia do avestruz“, entendendo como aquela atitude de “fingir que não vê“, enterrando a cabeça na areia do dia-a-dia, para não enfocar a questão. Trata-se de limites de nossa formação e impedimentos de nossa cultura e informação sobre o tema. Daí a importância de entendermos o papel da educação sexual nos currículos escolares.

De acordo com Sayão (1997), a educação sexual ocorre, na verdade, desde o nascimento. É predominantemente no território familiar, da intimidade, que são transmitidas à criança as primeiras noções e valores associados à sexualidade, em geral, não explicitamente. O comportamento dos pais em si, na relação com os filhos, no tipo de recomendações, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem, tudo isso transmite os valores que a criança incorpora. O fato da família possuir valores conservadores, liberais ou progressistas, professar alguma crença religiosa ou não, e a forma como o faz, determina em grande parte a educação das crianças. Seria muito importante que a família se dispusesse a buscar informações e reflexões sobre a sexualidade e a melhor forma de lidar com esses assuntos, pois é obrigação dos pais educar seus filhos para a vida e por essa razão, não podem dar continuidade a uma educação dissociada onde se valoriza o intelectual, o social, o espiritual, deixando de lado o afetivo-sexual. Evidenciar este assunto como os outros, é respeitar o filho de forma integrada e é ainda a prevenção de tantos problemas que envolvem o sexo e a sexualidade nossa e da sociedade. Seria ideal que a família desse mais oportunidade de se abrir espaços para o filho falar o que pensa e sente, pois é ela que detém esta proximidade, a presença diária, e talvez, por estas razões, ela conseguiria fazer melhor este papel que qualquer outra instituição. Porém sabemos que muitos pais não tiveram esta oportunidade de terem maior contato com o tema sexualidade para se sentirem aptos a lidarem com esses assuntos perante seus filhos.

Contudo percebemos com a realidade de nossas escolas, que a maioria das famílias têm abandonado seus filhos, quanto a qualquer tipo de “educação” ou estabelecer valores e conceitos, por isso está tão difícil trabalhar conceitos e valores com nossos alunos, e que metodologia devemos usar para conseguirmos transmitir algo ? As respostas obtidas de nossos alunos são manifestações com palavrões, carícias, malícias, revistas pornográficas, brincadeiras erotizadas, curiosidades sobre o corpo do colega, como os bebês nascem, desenhos nas carteiras dos órgãos sexuais, preservativos na sala, gestos obscenos e outros, mas banalizando a situação. Por outro lado, programas jornalísticos e científicos, campanhas de prevenção `AIDS veiculadas na TV enfocam a sexualidade dirigindo informações a um público adulto. As crianças

também os assistem, mas, não podem compreender por completo o significado dessas mensagens, construindo, por vezes, conceitos e explicações errôneas sobre a sexualidade.

Segundo Sayão (1997), a escola também se constitui num importante agente neste campo. Não é apenas nas portas de banheiros, muros e carteiras que se inscreve a sexualidade no espaço escolar. Ela invade por completo essa “praia“. As atitudes dos alunos no convívio escolar, o comportamento entre eles, as brincadeiras e paródias inventadas e repetidas, tudo isso transpira sexualidade. Ao não reconhecer essas múltiplas manifestações, é como se a escola realizasse o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela.

No cotidiano escolar, quando se proíbe certas manifestações, quando se intervém junto a um aluno que “se excedeu“, ou quando se convoca os pais para uma conversa reservada, em todas essas situações a escola está reproduzindo certos valores morais, mais ou menos rígidos, dependendo do profissional que protagoniza uma dada situação. E é exatamente por reconhecer o importante papel da escola na construção dos aspectos concernentes à sexualidade que se fundamenta a proposta de que a escola realize a denominada educação sexual. Quanto à questão metodológica, o modelo que melhor se enquadra diante do exposto é o modelo pedagógico da não-diretividade, ou seja, a problematização das questões trazidas pelos alunos. Trata-se, no entanto, de um processo de intervenção planejada, intencional e sistematizada, que inclui o esclarecimento das dúvidas, o questionamento das posições estanques e a ressignificação das informações e valores incorporados e vivenciados no decorrer da vida de cada criança ou jovem.

De acordo com Sayão (1997), uma vez que, querendo ou não, a escola interfere na construção da sexualidade de cada aluno, a proposta aqui é a de que a escola reflita sobre seu papel, e ao abordar esse tema o faça de forma consciente e profissional. E este é um outro aspecto a se considerar na escola, pois os educadores como formadores de opiniões e condutas, principalmente entre seus alunos, poderão contribuir de maneira construtiva em sua formação sexual. Apenas devemos tomar cuidado, que a contribuição pode ser repressiva, pois para trabalhar a sexualidade infantil, o professor terá de repensar sobre sua própria sexualidade, como ele foi educado e como ele educa atualmente, refletindo sobre os valores e conceitos que temos sobre o tema.

Mediante o exposto, percebemos que falar em sexo ou sexualidade ainda é complicado pelos tabus e preconceitos existentes; os educadores talvez tenham muitas falhas em sua formação acadêmica, pode ser que não tenham conhecimento suficiente, ou pela educação que receberam dos pais, ou falta de segurança, ou ainda o que é muito difícil na escola é a falta de compreensão dos pais para que o assunto possa ser tratado devidamente. Todos esses fatores são entraves suficientes para que se trabalhe o assunto, mas não podem ser impedimentos para que a educação sexual seja levada ao contexto escolar, já que ela está presente em todos os ambientes.

Segundo Sayão (1997), o trabalho de educação sexual desenvolvido pela escola deve diferenciar-se, pois, da abordagem assistemática realizada pela família, principalmente no que diz respeito à transmissão dos valores morais indissociáveis à sexualidade. Se, por um lado, os pais exercem legitimamente seu papel ao transmitirem seus valores particulares aos filhos, por outro lado, o papel da escola é o de ampliar esse conhecimento em direção à reflexão, opinar sobre o que lhe foi ou é apresentado. Por meio da reflexão poderá, então, encontrar um ponto de auto-referência, o que possibilitará o desenvolvimento de atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus.

Os meios de comunicação estão aí, e trazem todos os assuntos da contemporaneidade como o abuso sexual, pornografia, pedofilia, diversidades sexuais, fica muito difícil “competir” com esses meios de comunicação e abordar o tema, principalmente com crianças, e a responsabilidade acaba sendo passada de um para o outro, a família acha que a criança é nova e posterga, dizendo que na escola ela estará “mais madura “ e instruída. Na escola os educadores acham que é responsabilidade da família que a criança já foi instruída em casa e não tocam no assunto. E diante desta situação não se realiza a educação sexual nem no ambiente escolar, nem familiar. Mas afinal de quem é a responsabilidade, da escola ou da família?

Frente a este contexto, a responsabilidade da educação sexual é de ambas as partes, conforme se verificou em pesquisas, sendo que uma completa a outra. A escola não concorre e nem substitui a família,

ela contribui com a abordagem da sexualidade, incluindo valores e regras que são colocados pela família. A família deve formar as crianças com valores e regras levando em consideração a sua formação, educação e cultura procurando sempre informar quando questionados, mas na medida certa.

Segundo Figueiró (2001), educação sexual refere-se a toda a ação ensino-aprendizagem sobre sexualidade humana, seja no nível de conhecimento e / ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual.

Como educadores que somos, a grande preocupação é que não estamos conseguindo transmitir nem os conteúdos básicos necessários a formação dos nossos alunos devido a este tipo de comportamento. Percebendo a necessidade de reflexão sobre o tema e a (re) avaliação de nosso trabalho pedagógico em sala de aula, portanto devemos investigar sobre as manifestações sobre o tema sexualidade, que só poderá ser compreendida se pusermos nosso olhar de pesquisadores nos dados de bastidores da realidade, nas causas que dão sustentação e base, que consubstanciam nos dados da história e na lenta e árdua construção social .

Mach argumenta no artigo História e Filosofia no ensino de Ciências escrito por Mattheus(ano?), que é necessário a compreensão dos conceitos teóricos, para que se compreenda o seu desenvolvimento histórico.

A educação sexual é, antes de tudo, Educação, como Educação tem o papel de provocar mudanças, e qualquer trabalho de neste sentido, deve levar em consideração a perspectiva histórica em questão.

Os fenômenos e fatos de natureza moral e social relativos à sexualidade, ao comportamento sexual e à repressão sexual são antigas, acontecendo na vida cotidiana desde os primórdios da civilização humana, Como diz Chauí;

As práticas sociais de controle, proibição e permissão do sexo são antiqüíssimas, porém o estudo de seu sentido, de suas causas, de suas variações no tempo e no espaço é um estudo recente, não sendo casual que os dicionários registrem como tardio o surgimento da palavra sexualidade, momento em que o termo sexo passa a ter sentido muito ampliado, especialmente quando os estudiosos passaram a distinguir e diferenciar entre necessidade física e biológica, prazer (físico, psíquico ), e desejo (imaginação, simbolização).

Desde a antiguidade a arte e a literatura tratam das práticas sexuais, em quadros e esculturas, em poemas e manuais, em obras filosóficas e romances. Aristóteles, Horácio, Ovídio, Artedomiro –que foi estudado por Foucault – Boccacio, com o Decameron, e o Marquês de Sade, são bastante conhecidos. Filene, uma mulher do século IV a. C. , e a vasta literatura de aconselhamento sexual do século XVIII são igualmente importantes mas desconhecidos por muitos historiadores ( KING, 1998; PORTER, 1998).

Ao longo dos séculos, desde a antiguidade, atitudes, padrões e normas pró e anti-sexuais (USSEL, 1980) permeavam as práticas sexuais na sociedade e, elasticamente, modalidades de prazer e desprazer sexual esse alternavam e até conviviam simultaneamente, tornando confusa e ambivalente a conduta sexual no Ocidente.

De acordo com Foucault (ano?), nos últimos três séculos, sem deixar de levar em consideração suas transformações históricas, há em torno do sexo uma verdadeira explosão discursiva. Há uma variedade de aparelhos inventados para se falar de sexo, para nos fazer falar, para escutar, registrar, classificar, o que dele se diz, mas, ao mesmo tempo valorizando-o como segredo. Nesta explosão discursiva, sem dúvida há um refinamento do vocabulário utilizado, as palavras para expressá-lo são controladas, definiu-se quando e onde falar dele, em quais situações, quais locutores e interlocutores. Entre estes aparelhos está a instituição escola.

A partir do século XVIII surgem muitas instituições disciplinares e aperfeiçoam-se as já existentes, que têm por objetivo uma maior eficácia em sua função disciplinadora do corpo e do sexo do homem. A escola aparece como um dispositivo de poder. Não há um silêncio desta instituição com relação ao sexo, sobretudo o das crianças e adolescentes. Os colégios do século XVIII parecem omitir-se, mas observados e analisados, fala-se o tempo todo de sexo.

Na Europa Moderna, um conhecimento sexual médico paralelo a um discurso religioso, fundamentado em Hipócrates, Aristóteles e Galeno, propunha teorias sobre a gravidez, relacionamentos sexuais e saúde. Por outro lado, havia vários comportamentos sexuais considerados ilícitos e delitos sexuais eram passíveis de punição.

Da Idade Média até o século XVIII, o discurso sobre as atitudes e comportamentos sexuais se concentrava na Igreja e em seus representantes oficiais, havia uma preocupação moral com o que podia ser considerado lícito ou ilícito na esfera do “sexual”, e um sentimento de pecado grassava nos corações e mentes da população. A partir de 1700, várias obras se voltaram para o aconselhamento sexual. Ainda no século XVIII os médicos investem sobre a criança, sobre seu sexo na medida em que a criança se constituía no futuro cidadão proclamado pela Revolução. Além de entrarem na família, os pedagogos e médicos eugenistas, em nome da Saúde Pública, entram na escola.

Se a família não estava dando conta da educação (sexual) das crianças, a escola aparecia como possibilidade.

O século das Luzes que propicia o aparecimento de toda uma literatura médico-pedagógica sobre a sexualidade do colegial. Elaborar-se um discurso normalizador do sexo que é absorvido pela escola. Segundo Foucault (ano??) na Alemanha, por exemplo, chega-se até a organizar uma escola de caráter experimental cuja característica particular consistia num controle e numa educação sexual tão bem pensado que nela o pecado universal da juventude nunca deveria ter praticado, o pecado do sexo.

No século XIX, com o desenvolvimento das ciências que davam sustentação à Medicina- Biologia, Anatomia, Fisiologia – e também com a consolidação do processo de urbanização iniciado no século anterior, os médicos passaram a ter importante papel na sociedade e, particularmente no tocante à família, passaram a exercer um certo “poder” de orientar comportamentos e atitudes.

A prática higienista no século XIX, influenciada pelas concepções européias, investiu na família burguesa, definindo e inculcando os papéis sexuais sociais do homem e da mulher, desde a mais tenra idade. Segundo Araújo (1993), concepção higienista informava que as meninas deveriam ser calmas e ter bons modos. É mais, que as crianças deviam ser disciplinadas para ter um bom desenvolvimento físico e intelectual. E para que esta disciplina fosse alcançada era necessário a separação por idade e por sexo, fosse no ambiente doméstico, ou seja na família ou na escola. Até cerca de doze anos, meninos e meninas podem manter contato estreito para brincar e estudar. A partir desta idade devem ser separados, principalmente nas atividades fora de casa.

Por que o investimento na escola? Ao atingir a família, núcleo base da sociedade ocidental, atingia-se o corpo social. Porém, a educação médico-terapêutica familiar não correspondeu de maneira satisfatória a toda a prescrição de higiene. Qual a alternativa? Chegar a criança através da educação escolar.

Por causa de um certo “fracasso” da família, no cumprimento de sua obrigação sobre os filhos, se fazia necessária outra instituição existente na sociedade que desempenhasse também este papel, uma instituição captadora e “construtora” de futuros cidadãos- a escola aparece como outra possibilidade de inculcação dos preceitos higienistas. É através dela que esta pedagogia médica “educa”, não só a criança, mas

também (re)educa a família, contribuindo para a diferenciação das classes ( a maioria da população não freqüentava a escola, nem todos iam ou podiam ir. No século XIX, no Brasil, a escola surge, para a higiene, em conformidade com os seus preceitos, como um dispositivo ratificador do ideal de família próprio da sociedade moderna, vindo na atuação da criança a possibilidade de construção de um cidadão adequado a esta família e a sociedade. Conforme Jurandir Freire Costa :

a higiene apropriou-se das crianças, separando-as dos pais e, em seguida, devolveu-as às famílias convertidas em soldados da saúde.

Assim, aqui no Brasil, como na Europa, os colégios em geral e os internatos aparecem lançando mão do discurso da higiene com funções disciplinasse e normatizadoras. No internato as crianças eram isoladas do ambiente social passível de levá-las a desvios, sendo este isolamento necessário para melhor controla-la e formá-la dentro dos preceitos médicos.

O colégio, tendo como função instruir e educar, não deveria sem limitar a ensinar a ler, escrever e contar, mais que isso, deveria formar para a cidadania, cultivando o amor à pátria e trabalhando pelo desenvolvimento moral, físico e intelectual. Para isso, precisava-se de uma disciplina e um regulamento normalizadores , fundamentados na ordem.

A divisão das tarefas e a distribuição do tempo para executá-las também deveriam ser consideradas naquele espaço. O tempo determinado pela higiene era precioso, cronometrado, calculado meticulosamente. Com efeito, previa-se o tempo da alimentação, do recreio, da sineta e também do trabalho intelectual, a recreação passou a ser formativa, e não apenas lazer, ao contrário da Colônia, onde o lazer não era objeto de codificação, a higiene “ corrigiu esta distorção”, passando a controlar o tempo de modo que as brincadeiras privilegiassem o estímulo ao corpo e ao espírito. A este controle, não poderia escapar à separação por sexo. Os exercícios físicos eram prescritos de acordo com a idade e o sexo das crianças, e isso nada mais significa do que uma forma de tentar se controlar a sexualidade das crianças e , conseqüentemente a sexualidade de futuros cidadãos.

Segundo Costa (1990), esse movimento de separação começa a ocorrer na Europa no século XVIII. Aqui, como na Europa, uma das práticas mais perseguidas pelos higienistas, condenada por médicos e pedagogos, foi a do onanismo (masturbação). Antes uma prática isolada, de fórum íntimo, foi trazida à sociedade pelo discurso higiênico como um “crime higiênico” cuja punição era o tratamento. A masturbação aparecia sempre como um perigo para a saúde física, moral e intelectual do jovem. O sexo do colegial passou a ser um problema público. Os médicos aconselhavam diretores, professores e a família. Pedagogos faziam projetos. Todos deveriam estar em torno dos hábitos “solitários” das crianças.

No Brasil no final do século XIX, os colégios, internatos e as casas de educação eram consideradas foco de contágio moral. O onanismo reinou. Segundo Jurandir Freire Costa, numa tese de 1888, de Carlos Rodrigues de Vasconcelos, intitulada Higiene Escolar, suas aplicações à cidade do Rio de Janeiro, o internato foi condenado por ser considerado nulo para a educação, tornando-se odioso para os pensionistas.

Se a pedagogia médico-higienista se impôs ao Estado, aos homens públicos, aos legisladores, a “fala oficial” também entra em consonância com o discurso médico. Atacando a educação dada pela família, esta “fala” justifica a necessidade de reforma na Educação oficial, visando suprir a falha da família, e solicita uma atuação mais incisiva da escola na educação das crianças.

Segundo Silva (1986), além das observações higienistas, a família vinha sendo alvo de críticas também por parte de homens públicos, em relação à educação de seus filhos, a exemplo de políticos como Quintino Bocaiúva, que embora se identificasse com algumas idéias positivistas, defendia os ideais liberal-democráticos. Para ele, o significado de educação seria: A instrução (...) é a base, o fundamento da sociedade, a garantia de seu progresso e de seu futuro, o esteio da nacionalidade de um país, o mais fecundo que se plantar o que melhores frutos pode dar no futuro. A educação aparece como “redentora”, como possibilidade de inculcação do nacionalismo. Para ele esta instrução se divide em dois ramos: 1) a instrução moral e religiosa. 2) a instrução elementar da língua nacional, da leitura, da escrita, da aritmética e das primeiras operações, e uma terceira que seriam a doméstica, que deveria completar a instrução na formação dos indivíduos, e é de competência das famílias. Porém considera-se que, frente à fragilidade desta instituição social na responsabilidade que a ela é imputada, crescem as responsabilidades da Escola no que tange à formação moral e cívica dos indivíduos. Mais precisamente, é o “fracasso” imputado à família que leva a justificar a intervenção de Estado, através da ação escolar. Este espaço, que vinha sendo invadido pela ação da higiene, não estava dando conta das responsabilidades. Por isso, a família e escola precisavam caminhar juntas.

A educação doméstica, aquela que se bebe nos conselhos paternais e na solicitude evangélica que as mães devem empregar na formação da consciência de seus filhos, é, em nosso modo de entender, a condição a priori, o elemento principal para o bom êxito dos esforços do professor nesse sentido. (Quintino Bocaiúva op. cit. 1986,p.137.)

O fracasso da família torna-se uma questão nacional, que compreende não só os destinos individuais, mas, sobretudo, o futuro do país. Ou seja, se ela não está cumprindo com o seu dever de educação, a intervenção oficial se faz, mais do que possível, necessária e legítima.

Entretanto, como pelas circunstâncias ainda infelizes de nosso país, a educação doméstica acha-se ainda atrasadíssima e extremamente viciosa, não há remédio senão exigir dos professores que cuidem desse ramo da educação de seus discípulos com mais esmero e acuidade do que preciso no primeiro caso.(Quintino Bocaiúva. Op. cit, 1986, p. 138 )

Segundo Costa (1979), o investimento ora na escola, ora na família, ou nas duas ao mesmo tempo sobre os infantes se fazia condição necessária, pois é desta brilhante mocidade que ela espera sua salvação e prosperidade futura. Ela – a sociedade. Leôncio de Carvalho também critica à família patriarcal, que não vinha correspondendo à necessidade política de construção de um Estado moderno. Em consonância com o padrão europeu, o trabalho sobre o corpo fazia parte de um projeto muito mais amplo – o de consolidação do Estado nacional. Os mais importantes temas de Reforma Leôncio de Carvalho na conjuntura do ensino primário são: a liberdade de ensino, a não obrigatoriedade da instrução religiosa, ou, seja, a implantação da escola leiga, a criação de jardins de infância nos moldes dos existentes em alguns países europeus, como a Alemanha e a França e, por fim, a extinção de escolas separadas para meninos e meninas e a implantação das escolas mistas. Em função da Reforma de Leôncio de Carvalho Rui Barbosa formulou seus Pareceres sobre a Reforma do Ensino Primário. Nestes Pareceres, o que apresenta sua preocupação com a possibilidade deste tipo de educação ser estendida de forma generalizada. Rui Barbosa assinala a preocupação com a



possibilidade de se adotar a co-educação dos sexos em nossas escolas, em todos os níveis de ensino e para qualquer idade, já que, segundo ele, ainda não estávamos preparados, como os americanos, para “ações tão ousadas”. Em seu projeto final, em relação às escolas mistas, no que refere à organização pedagógica nas escolas, propõe que as escolas elementares e médias que o governo declarar mistas, receberão indiferentemente alunos de um ou outro sexo, mas maiores de onze anos. Não deixando de se preocupar com a composição do corpo docente para as referidas escolas, observa que as escolas mistas, bem como os jardins de crianças e as escolas do sexo feminino, serão exclusivamente dirigidas por pessoa deste sexo.

Fica evidente, portanto, que os novos conhecimentos da biologia, da medicina, da pedagogia, os problemas de anatomia, ou seja, da ciência, desenvolvidos na Europa no século XIX, também influenciaram o projeto Rui Barbosa. A preocupação com o corpo não escapou às suas observações. A preocupação de Rui Barbosa em disciplinar o sexo das crianças e das mulheres era compatível com a visão higiênica que se impunha no Brasil. A neutralidade da ciência, tida como incontestável, fortalecia seu discurso. A ciência mostrava as capacidades intelectuais de meninos e meninas e ressaltava as questões morais envolvidas. Neste sentido, suas colocações, naquele momento, seriam paradoxais admitindo-se que, segundo Chauí,

□ que diferencia uma explicação científica de outras é o fato de que nela a verdade é obtida graças à “neutralidade, própria do conhecimento objetivo, enquanto uma ordenação moral se caracteriza por aceitar e rejeitar valores ( bom, mau, justo, injusto), não sendo neutra.

Mesmo sem terem sido aprovados os pareceres de Rui Barbosa, a discussão em torno da co-educação dos sexos continuou até sua implantação, girando em torno de uma disciplina rígida sobre a educação da criança em prol de um bom desenvolvimento físico e intelectual em nome da moral e dos bons costumes, dentro dos preceitos higienistas. A escola mista vai surgindo paulatinamente, mais por força de uma necessidade político-econômica, do que propriamente por uma necessidade pedagógica. Assim, a disciplina garantia a separação por sexo, mesmo estudando na mesma escola. Garantia-se o controle sobre a sexualidade das crianças e adolescentes, que era a preocupação central dos homens públicos, médicos e educadores quando a inevitabilidade de juntar os dois sexos no mesmo espaço escolar lhes era imposta.

Podemos dizer então que a educação sexual surge, no século XX, trazendo em seu bojo, significativamente, as concepções médico-higienistas, que influenciaram profundamente a política educacional oficial no século XIX, mesmo passando a ser uma reivindicação da sociedade civil organizada.

Segundo Guimarães (1995), nasce a educação sexual objetivando o combate a masturbação, às doenças venéreas e ao preparo da mulher para o papel de esposa e mãe. Sempre com objetivos de “saúde pública” e de “moral sadia”, procurando assegurar-se a saudável reprodução da espécie. Mas a educação sexual existe de fato ou de direito?

A inserção médica na Educação se intensificou nas primeiras décadas do século XX, quando surgiram as primeiras e numerosas propostas para o desenvolvimento da educação sexual. Não obstante, trata-se de um discurso muitas vezes carregado de preconceitos originários da repressão sexual vitoriana.

O discurso médico substituiu o discurso religioso, e a “ciência” passou a dar explicações que antes apenas tinham a conotação moral e o sentido de pecado dados pela religião católica.

Isto se aplica particularmente aos comportamentos e atitudes frente ao sexo: os saberes sexuais: foram institucionalizados; foi criada a sexologia, uma “especialidade” médica que lidava com as chamadas perversões sexuais; o discurso médico voltou-se para a criança e para as necessidades, visando que ela tivesse um desenvolvimento sadio, e conseqüentemente, passou a defender uma “nova” educação, criticando antigas posturas dos professores e antigos métodos de ensino.

Nomes como /Richard von Krafft-Ebing e Havelock Ellis se destacaram como precursores do que Gilman (1998,p.370) chama de :

Profissionais estudiosos da sexualidade humana, a maior parte médicos, quase todos envolvidos na definição, identificação e tratamento dos aspectos patológicos da sexualidade humana, tal como definida pelos códigos legais do fim do século XIX.

Estudos sobre a sexualidade se intensificaram e o discurso médico-científico da época se colocou como responsável pela profilaxia, classificação e estudo das doenças sexualmente transmissíveis e do comportamento sexual desviante. Sem abandonar a moral religiosa que norteava as questões envolvendo o sexo, os médicos deram uma cientificidade a uma temática que recebia fortes influências da Igreja. O ideal higiênico do século XIX preocupado com a profilaxia das doenças em geral, voltando-se para as famílias, para a intimidade dos lares teve sua esfera de influência ampliada para questões da vida amorosa.

A concepção higienista também está presente nos livros didáticos, que em sua maioria, ainda hoje, reforçam os papéis sexuais. Historicamente, pois , a escola aparece como um agente reforçador dos papéis sociais/sexuais do homem e da mulher, com supremacia masculina.A língua também,seja culta ou popular, reforça a diferenciação desses papéis sociais/sexuais; se isoladamente a linguagem não parece conter nenhum elemento de controle sobre o indivíduo, analisada numa perspectiva social se constitui em mais um mecanismo de controle sobre os indivíduos, sendo a escola espaço privilegiado de sua atuação, pois é lá que ela é ensinada.

A década de 60 foi marcada em nosso país por mudanças políticas radicais. O golpe de 1964 levou os militares ao poder. Certamente este período repressivo também deixou marcas no processo de implantação oficial nas escolas de uma educação sexual.Neste período, independentemente da concepção que se tinha sobre a educação sexual, alguns legisladores insistiram em implanta-la nas escolas oficiais, mas foram censuradas. Até então, dentro das escolas, os trabalhos de educação sexual, quando existentes, eram coordenados pelo orientados educacional e/ou ficavam sob a responsabilidade dos professores de Ciências ou de Programas de Saúde.Estes trabalhos embora não proibidos pelo poder da lei, até porque não havia nenhuma lei educacional que os amparasse, pararam.

Do combate a sífilis e às doenças venéreas, que marcaram a passagem do século XIX para o século XX, até o advento da AIDS, por volta de 1980, contando ainda com as mudanças do comportamento sexual decorrentes do movimento hippie e da disseminação da pílula anticoncepcional, podemos ter vários recortes que possibilitaram o desenvolvimento de importantes estudos, divididos para se poder entender e aprofundar o todo. De 1960 para cá, mudanças ou transformações culturais decorrentes da guerra do Vietnã, do movimento hippie, do advento dos contraceptivos orais, do espaço cada vez maior ocupado pela mulher no mercado de trabalho e na sociedade em geral,e, particularmente do aparecimento da AIDS, motivaram ou impulsionaram grande parte das pesquisas que têm a sexualidade como objeto de investigação

De acordo com a legislação oficial, em 1971, com o surgimento da lei 5.692/71, aparece a obrigatoriedade da Orientação Educacional. a cargo do orientador educacional, agora com formação superior .Esta lei fixa as diretrizes e bases para o ensino de 1º. E 2º graus, não havia nenhuma proibição formal contra a educação sexual, embora tão pouco seja mencionada. De acordo com Barroso e Bruschini ( 1982),o que vamos encontrar na legislação é o parecer nº 2.264/74 do Conselho Federal de Educação, aprovado em agosto de 1974, onde se menciona a educação sexual como um objetivo a ser desenvolvido nos programas de Educação do 2º grau . Portanto, falar ou não sobre sexualidade ficava a cargo dos “especialistas “ da educação e da Saúde.Em nível oficial é só em 1995 que a educação sexual escolar ganha impulso com a proposta de implantação dos PCN’s Parâmetros Curriculares Nacionais, que objetivaram oferecer diretrizes mais claras às políticas para a Educação no âmbito do ensino fundamental Nos PCN’s a educação sexual aparece como orientação sexual dentro da área Convívio Social e Ética no Ensino Fundamental. Assim a educação sexual escolar surge oficialmente como orientação sexual, aparecendo no currículo de forma transversal, ou seja, não como uma disciplina específica a cargo de um professor, mas como responsabilidade de todos, devendo ser discutida em todas as disciplinas.

Orientação sexual,ética,meio ambiente e estudos econômicos constituem-se nas quatro disciplinas que o Ministério da Educação e do Desporto quer implantar nas quatro primeiras séries do 1º grau. Consistem do trabalho Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, anunciado pelo ministro da Educação e Desporto, Paulo Roberto Souza. Essas matérias serão chamadas de transversais porque serão discutidas em todas as disciplinas e não em uma específica. A proposta virá a ser discutida pelas secretarias estaduais e municipais de Educação e, em seguida, submetida ao Conselho Nacional de Educação (CNE), em maio. As crianças matriculadas na 7ª e 8ª séries do 1º grau deverão ter informações sobre a anatomia e formas de prevenir a transmissão da Aids.

A questão da Aids e das DSTs que tornam as pessoas mais sujeitas a Aids está posta na necessidade de implantação de uma educação sexual escolar. Entendendo que a escola é um espaço de convivência social, amorosa, emocional do jovem, onde ele permanece bom tempo de sua vida,ela não pode se omitir diante da gravidade da doença, considerando a sua principal via de transmissão a via sexual, por isso a necessidade de um trabalho de educação sexual escolar junto aos alunos, pelo aspecto sistemático e organizado daquele espaço específico. O certo é que se reconhece na escola, através da “ orientação sexual”, uma possibilidade de debelar a doença. Pergunta-se: Se a AIDS não tivesse surgido, e infelizmente surgiu, a educação sexual escolar estaria, no momento, sendo incentivada tão veemente?

Conforme a reportagem do Jornal do Brasil ( 1993), e segundo a OMS ( Organização Mundial de Saúde ), a educação sexual nas escolas não leva à sexualidade precoce, tampouco estimula a promiscuidade, chegando a esta conclusão através de uma análise de trinta e cinco estudos feitos por vários países sobre o tema. A OMS lamenta que esta crença exista, constituindo-se em uma barreira contra a introdução de programas de prevenção contra o HIV e a Aids para a juventude, Dezesesseis dos estudos analisados por esta instituição indicaram que a abordagem do sexo nas escolas chegava a retardar a iniciação sexual,. Mostrou-se também que, entre os jovens sexualmente ativos, a educação sexual levou a uma diminuição da atividade ou estimulou a adoção de práticas mais seguras. Este estímulo da OMS à educação

sexual nas escolas se deve, provavelmente, aos índices alarmantes de infectados pelo HIV. Há várias ONGs que também colaboram dando estímulo como parceiras com o Estado falando sobre o tema.

A sexualidade é “objeto” de diversos campos da ciência, mas, no que concerne à educação a produção “científica” nesta temática ainda é escassa e, em sua maioria, reprodutora acrítica, do dizer de verdades postas por outros cientistas.

No final da década de 90, com a inclusão da orientação sexual como tema transversal curricular sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para se trabalhar nas escolas de ensino fundamental e médio, o Ministério da educação resgata a importância e a necessidade da escola tratar de assuntos ligados a sexualidade e o comportamento sexual, que na década de 60 aparece em estudos pioneiros em vários colégios do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Esta tentativa de se implantar a orientação sexual nos currículos foi abortada pelo golpe militar de 1964, mais precisamente após 1968, só retornando na década de 80, com a distensão política do presidente Geisel, ocasião em que alguns programas de orientação sexual começaram se desenvolverem pela Prefeitura Municipal de SP e pela Secretaria de Educação de Estado de SP.

Nas últimas décadas do século XX mudou, e muito, o comportamento afetivo e de relação dos adolescentes e jovens valores totalmente contestadores foram incorporados, a pílula anticoncepcional passou a fazer parte do cotidiano feminino, tabus como virgindade, foram questionados, foi iniciação sexual foi antecipada e a gravidez na adolescência preocupa pais e educadores, surgiu a já mencionada AIDS e a televisão passou a fazer propaganda de preservativos.

Segundo Ribeiro (2002), não é mais possível esconder que os adolescentes e jovens têm um comportamento sexual ativo que necessita de orientação, não no sentido moral repressor das décadas de 30, 40 e 50, mas em sua dimensão de vida de relação entre os sexos, de vida social e afetiva, de crescimento pessoal onde se possa tanto debater e questionar tabus e preconceitos quanto incorporar conhecimentos de anatomia e fisiologia sexual, ao mesmo tempo em que se lida com ansiedade, o medo e a culpa.

Os professores e demais profissionais que lidam com crianças e jovens têm um papel fundamental no processo de aquisição de conhecimentos e valores por parte de seus alunos, o que implica numa necessidade de também estes educadores terem um espaço onde possam se formar como educadores conscientes e capazes de indicarem caminhos e escolhas que tornem a vida do indivíduo menos traumática, com menos culpa e ansiedade, com menos preconceitos e desinformação.

Segundo Maistro (2006), em suas considerações finais na tese de mestrado da UEL (Universidade Estadual de Londrina) esclarece quais são os limites e possibilidades dentro de projetos relacionados a sexualidade, constituindo como possibilidades para desenvolver um projeto dentro deste tema, são atribuídos alguns tópicos a se relevar como: trabalhar no coletivo, trabalhar o tema a partir do momento que se toma consciência de um problema, de sua relevância no contexto social, da necessidade de se capacitar para poder discutir o tema com maior segurança e do envolvimento de maior número de pessoas no projeto, começar o projeto já nas séries iniciais, ouvir os alunos quanto aos temas de interesse deles e os professores inserirem quais forem necessários, ter a presença além dos agentes escolares, de pais e alunos, integração das áreas do conhecimento, inserir dinâmicas e, reflexão dos envolvidos no projeto para desmistificarem assuntos ligados à sexualidade, maior participação de pais, possibilidade de ampliar o diálogo, ter enfoque preventivo. Estas são atribuições feitas a partir de pesquisas, atividades diferenciadas, e que como material de pesquisa, facilitarão o trabalho do professor nas escolas, se houver necessidade.

De acordo com Nunes e Silva ( 2006 ), o projeto de educação sexual deve ser emancipatório, e deverá ter em conta uma articulação profunda entre o núcleo familiar e a intervenção escolar, não a substituição imediata do papel da família, mas ao mesmo tempo a crença na co-responsabilidade, a colocação de palavras de ordem como a solidariedade e a igualdade sobre o sexo, deveria não somente inferir na criança , mas deve ter vinculações orgânicas com a família e a comunidade, de modo a desencadear a elevação da compreensão da sexualidade, não vista como precarização, pecado ou permissivismo, mas vista serena e claramente como uma forma de viver o sexo e suas contradições.

A educação sexual só acontece quando assumida pela escola toda, como dimensão básica e fundamental do processo humano e educativo. Não há educação sexual voluntarista ou espontaneísta. Agora é necessário compreender que educação sexual não se resume a um conjunto de informações médico-biológicas, nem terapêuto descompreensivas. A educação sexual é formar a pessoa inteira para uma vivência gratificante e responsável de sua inalienável capacidade humana de desejar e ser desejado, amar e ser amado.

## 7 . DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO:

### 7.1. Estudos orientados:

Após as leituras de livros, textos, artigos citados como referências, percebemos que é uma das questões que mais têm trazido dificuldades e desafios aos educadores, no seu cotidiano escolar. Apesar das leituras nos fundamentar teoricamente, percebemos que as escolas passam por dificuldades em desenvolver projetos referente a este tema. Ao pensar em ciência como construção humana, falível e intencional, numa perspectiva histórica, é fundamental considerar a evolução do pensamento do ser humano, pois é a partir dele que a história se constrói..Assim analisamos que com o histórico da sexualidade, percebe-se o quanto é antigo este tema e que ao longo da vida, num processo contínuo de busca dos sentidos da sexualidade, o indivíduo sofre a todo momento as influências diretas da “ cultura e da sexualidade”. Essas influências advindas da família, dos meios de comunicação, da religião ou da escola pressionam, exigem e moldam o indivíduo para adaptá-lo aos padrões de comportamentos impostos pela sociedade.

Na escola, a sala de aula apresenta um espaço onde diferentes aspectos que configuram a cultura estão presentes: valores, interesses, ideologias, costumes, crenças, atitudes, tipos de organização familiar, econômica e social, política, como também diferentes padrões de comportamento sexual. Desse modo, a sala de aula passa a ser um ambiente cultural onde encontramos tensões, contradições e conflitos. Dada a sua organização e estrutura, a escola como instituição social, tende a homogeneizar esses aspectos múltiplos da cultura na sala de aula, ignorando-os, reprimindo-os ou “ engessando” as diferenças e contradições. Neste contexto, a liberdade como uma dimensão de sexualidade, não encontra condições para emergir e se expressar. Desse modo a sala de aula deve ser um espaço democrático onde as opiniões, incertezas, divergências e diferenças forem consideradas, discutidas e, quando possível superadas. A sexualidade sempre foi tema polêmico e está vinculada a outras temáticas, tais como: moral, ética, religião que gera alguns dilemas pedagógicos,mas que devem ser

resolvidos. A educação sexual deve ser interdisciplinar, no qual as disciplinas do currículo, vão dar sua contribuição para a construção da sexualidade.

O professor de ciências e biologia além de anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor deve considerar os aspectos emocionais, culturais, e ético que os envolve. Os temas referentes à sexualidade devem partir do interesse do cotidiano dos alunos que variam conforme a faixa etária, nível sócio-econômico, grau de escolarização.

Devemos tratar a sexualidade sempre com naturalidade. A educação sexual, como um processo social no âmbito escolar, poderá ser considerada como um processo de transformação e mudança que parte de um projeto coletivo e atinge os indivíduos, cada qual com sua busca particular do sentido da sexualidade. A sala de aula pode ser um laboratório de possibilidades de expressão da liberdade, permitindo que os alunos pensem e reflitam sobre si próprios. Essa atitude crítica promove a autonomia pessoal com confiança e auto-estima.

## 7.2. ENCONTROS DE ORIENTAÇÃO :

Foram realizados no 1º período de 2007, quatro encontros de orientação ( 16 horas), ocorridos em 05/04/07, 04/05/07, 21/05/07, 29/06/07. Nestes encontros a professora orientadora da IES auxiliou o grupo de orientandas a refletirem sobre seus planos de trabalho.

\* 05/04/07 – discussão do plano de trabalho, separado por orientador e orientação geral.

\* 04/05/07 – discussão do plano de trabalho e do texto do Cachapuz, Gil Perez, Pessoa de Carvalho, Vilches com o tema: Superação das visões deformadas da ciência e da tecnologia: Um requisito essencial para a renovação da educação científica, onde nos auxiliou a superar a imagem reducionista e distorcida da ciência.

\* 21/05/07 – Foram feitas análise do livro didático e percebeu-se que eles estão ainda no cognitivo, já trazem tudo pronto, com experimentos, resoluções e conclusões. A crítica foi feita em cima de que é preciso problematizar os conteúdos. Foram passadas várias referências para leituras e resenha.

\* 29/06/07 – Organização do Plano de Trabalho e produção do relatório a ser enviado a SEED.

## 7.3. ORIENTAÇÃO AOS GRUPOS DE TRABALHO EM REDE.

Será enviada até julho instrução com relação aos grupos de trabalho em rede.

## 7.4. ENCONTROS REGIONAIS – PDE.

Aula inaugural dia 12/03/07. A aula inaugural com palestra de Gaudêncio Frigotto com o tema Fundamentos científicos e Técnicos da Relação Trabalho e Educação no Brasil de Hoje.

Frigotto, analisa a educação, como é construído o conhecimento do homem na relação trabalho. Embora a educação e a escola na sociedade capitalista moderna, tendem ao seu papel de reprodução das relações sociais dominantes, a formação de intelectuais de diferentes tipos, não se reduzem a ela. ( Gramsci).

A educação em geral que se dá nas relações sociais e os processos educativos e de conhecimentos específicos que se produzem na escola e nos processos de qualificação técnica e tecnológica interessam à classe trabalhadora e a seu projeto histórico de superação do modo de produção capitalista. (Frigotto)

O encontro regional foi realizado no dia 12/04/07 ( 8 horas), na UEL, pela SEED- caracterizando-se como reunião técnico pedagógica, com o objetivo de promover o repasse de informações gerais sobre o programa, sua regulamentação, orientações sobre o plano de trabalho em rede.

## 7.5. ENCONTROS DE ÁREAS ESPECÍFICAS.

O encontro de áreas específicas foi realizado no dia 29/06/07, onde professores orientadores das IES e professores PDE de ciências e biologia se reuniram com o objetivo de socialização dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos pelos professores PDE, com apresentações de projetos pelos orientandos e posterior discussão coletiva dos temas, e os professores das IES fizeram suas interferências para implementação dos trabalhos.

## 7.6. SEMINÁRIOS ESPECÍFICOS DO PDE.

I Seminário Temático no dias 07/05/07 e 08/05/07 realizado no Cine Com Tur.

07/05/07 – Palestra: Conhecimento e Teorias Pedagógicas

Professor Doutor Newton Duarte ( UNESP – Araraquara )

Mesa redonda : A formação de Docentes e a necessária articulação com a educação básica.

Dr. Newton Duarte (UNESP); Dra. Maria L, Tursi Toledo ( UEM); Ms. Edmilson

Lenardão ( UEL); Ms. Alayde M. Pinto Digiovani (SEED)

08/05/07 – Palestra: Educação e o Mundo do Trabalho

Professor Doutor Giovanni Alves (Unesp – Marília )

Mesa redonda : A formação continuada frente aos desafios do Mundo do Trabalho. Dr. Giovanni Alves ( UNESP ); Ms. Edmilson Lenardão ( UEL); Sandra Regina de Oliveira Garcia ( SEED)

Os dois dias de seminário aconteceram no cine Com Tur. A primeira palestra foi ministrada pelo professor doutor Newton Duarte da Unesp, que abordou as teorias pedagógicas fazendo uma análise crítica sobre as mesmas. Dentro de uma perspectiva histórica enfocou os anos 80 que foi analisada por Dermeval Saviani. A teoria da “ curvatura da vara” sobre a escola tradicional.

Anos 90 – a discussão educacional dispolitizou-se e afastou-se dos pressupostos teóricos e passou para a pedagogia do “ aprender a aprender”. Newton defende que a prática pedagógica não é uma realização de uma teoria pedagógica pura e sim de uma mistura.

Houve análises da pedagogia tradicional que estava relacionada a ascensão da burguesia, passando por duas vertentes: a de cunho iluminista e a Jesuítica. Newton colocou que a laica é que melhor defendeu a educação, pois foi a que melhor socializou o conhecimento, por outro lado seria muito conteudista e perigoso para a burguesia que utilizou-se também da religiosa.

A escola nova faz crítica a tradicional por ser muito livresca, sem levar em conta a psicologia da criança. Até que surgiu Jean Piaget com a teoria construtivista em 1920, que defendeu a idéia do “ aprender a aprender”. Foram analisadas as várias pedagogias, ( competências, professor reflexivo, projetos multiculturalista ), enfocando que todas assumem as idéias da pedagogia da escola nova.

Abordou-se a idéia que o construtivismo é uma pedagogia até agora usada, e que outras pedagogias aglutinaram-se a ela. Logo após houve a mesa redonda com o prof. Dr. Newton ( Unesp); Ms. Edmilson ( UEL); Dra. Maria Tursi (UEM) ; Ms. Alayde (SEED).

Na segunda palestra que foi ministrada no dia 08/05/07 ,pelo professor Doutor Giovanni ( Unesp), que abordou o tema Educação e o Mundo do Trabalho, analisou o significado ontológico da categoria trabalho, sendo um intercâmbio orgânico entre homem-natureza. Outros significados foram passados como o trabalho caracteriza toda a sociedade, é a luta pela existência, é necessário para que o homem supra suas necessidades básicas ou não, pressupõe uma série de relações ( homem-homem, homem-natureza). Questionou-se o porque da educação hoje? Por que é o único meio que levará ao desenvolvimento do mundo do trabalho. Hoje exige-se mão de obra qualificada. Abordou-se a reestruturação produtiva do capital analisando algumas inovações ( sócio-metabólica, organizacionais, tecnológicas). Analisou-se a nova pedagogia do Capital ( Toyotismo). Falou-se da empregabilidade e resiliência ( capacidade universal humana para se enfrentar os problemas da vida e concluiu-se que é função da sociedade escolher que tipo de política pública, educacional, econômica deseja. Devemos usar ferramentas, instrumentalizar nossos alunos a construírem uma consciência crítica.

A contribuição para o plano de estudo foi a que concluímos que o trabalho dos professores é socializar conhecimentos, cumprindo a função social da escola, e dentro deste tema de abrangência social temos o tema sexualidade. Todos os fatos que acontecem na sociedade recaem sobre a escola, para serem resolvidos, e as escolas criam projetos em cima dos problemas da sociedade, por exemplo , se o meio ambiente está muito sujo, cria-se o projeto do meio ambiente, se as pessoas estão procriando muito, temos o projeto de educação sexual como medida de prevenção e assim por diante.

Logo após, houve mesa redonda com a participação do professor doutor Giovanni(Unesp), Dra. Elma (UEM). Ms. Edmilson(UEL), Sandra (SEED).

## 7.7 CURSOS/IES.

Cursos promovidos pela IES:

Seminários Avançados de Ensino em Ciências Biológicas.

Carga Horária: 68 horas.

Objetivo: Capacitar professores em educação continuada do Ensino fundamental e médio para sua reflexão crítica das suas atividades no ambiente escolar.

Datas: 21/06/07

Ementa : Filosofia da Ciência.

- Dimensão Histórica do Ensino de Ciências na Escola.
- Dimensão Histórica da Ciência e o Ensino

22/06/07

Metodologia científica

- Metodologia Científica e o ensino de Ciências Biológicas.

26/06/07

Alfabetização Científica

27/06/07

Ementa: Fundamentos metodológicos do ensino de Ciências e biologia .

- Análise e Produção de Recursos Didáticos.

28/06/07

- Conteúdos Estruturadores. Encaminhamentos metodológicos.



04/06/07

- Teorias da Aprendizagem e Fundamentos teóricos-metodológicos. Modelos de Formação de professores

05/07/07

Avanços Biológicos e suas implicações no ensino de Biologia.

- Avanços da Ciência – biotecnologia e suas implicações. Exemplos históricos relativos ao Sistema Circulatório, origem da vida.

06/07/07

- Biotecnologia na Reprodução Humana
- Reprodução e Sexualidade

A Uel, sob a responsabilidade dos professores orientadores, proporcionou a realização do curso Seminários Avançados do Ensino de Ciências Biológicas (68) horas durante o 1º período de 2007. O curso propiciou a discussão dos modelos de formação de professores sobre a concepção de ensino. Analisamos as perspectivas: acadêmicas; técnicas; prática e verificamos a importância do professor reflexivo, onde ele passa a investigar sua prática. Discussão das concepções para a atividade profissional e a reflexão de reconstrução da prática educativa juntamente as suposições do paradigma reflexivo.

No curso do dia 26/06/07 sobre Alfabetização Científica, usamos o texto Levantamento das implicações filosóficas do construtivismo radical e social no ensino de Ciências Naturais, com os autores Laburu, C E.; Carvalho, Educação Científica; Controvérsias Construtivista e Pluralismo Metodológico. Londrina, Eduel, 2005 e também outro texto com o título Alienígenas na sala de aula. Da Silva, Petrópolis: Vozes, 2005.

No primeiro texto remete-se as diretrizes curriculares, contribuindo para a concepção positivista, com praticantes construtivistas. O texto traz o quanto do construtivismo radical está presente no senso comum das crianças. Nós enquanto professores devemos ser pluralistas, ou seja, enquanto não chegamos ao consenso de que todos os alunos atingiram um bom nível de aprendizagem significativa, devemos alterar as metodologias.

Tivemos estudos de outros textos retirados de livros como:

O laboratório de Biologia no Ensino Médio: Infra-estrutura e outros aspectos relevantes, com os autores: Mateus Luís Moreira e Renato Eugênio da Silva Diniz. Este texto dá ênfase as atividades experimentais que não podem funcionar como “receitas de bolo”, e sim funcionar como método para desenvolver habilidades dos alunos, como percepção e questionamento, mas é preciso que estas atividades estejam enquadradas dentro de uma proposta construtivista, cuja a função do professor é de ser um tutor enquanto guia de aprendizagem, e assessor com a função de ser questionador e não dar as respostas facilmente, provocar uma reflexão. Fracalanza (1986) ressalta que mesmo passando por etapas básicas, a metodologia experimental não deve passar por uma seqüência rígida de passos a serem seguidos, tanto pelo pesquisador quanto pelo professor.

Em outro texto intitulado Papel de la actividad experimental em la educación científica. Autores: Jaime Carrascosa, Daniel Pérez, Amparo Vilches do Instituto Superior de Tecnologia e Ciências Aplicadas, Cuba. Este texto nos traz a idéia de buscar

a atividade experimental como superação de um ensino puramente livresco e é a solução para a falta de interesse pela aprendizagem em ciências, nos cursos de formação de professores ou de alunos, quando as práticas não são orientadas com reflexões coletivas prévias em torno das finalidades do ensino de ciências e as características básicas da atividade científica, os trabalhos funcionam como simples manipulação, onde os trabalhos por ação ou omissão causam uma série de visões deformadas sobre a ciência.

Nos primeiros cursos utilizamos Estudos de História e Filosofia das Ciências: Subsídios para aplicação no Ensino com os autores: Cibelle Celestino Silva (org), Editora Livraria da Física e História, filosofia e Ensino de Ciências : a tendência atual de Reaproximação de Michael R. Matthews, do departamento de educação da Universidade de Auckland, Nova Zelândia. Os textos trazem a importância da história e filosofia no ensino de ciências. A história das ciências não pode substituir o ensino comum de ciências, mas pode completá-lo de várias formas. O estudo adequado de alguns episódios históricos, permitem compreender as interações entre ciência, tecnologia e sociedade, mostrando que a ciência não é uma coisa isolada de todas as outras, mas sim faz parte de um desenvolvimento histórico de uma cultura, de um mundo humano sofrendo influências e influenciando por sua vez muitos aspectos da sociedade. A ciência se desenvolve num contexto social, econômico, cultural e material bem determinado. Mas para explicar os conhecimentos científicos a partir do contexto é necessário levar em conta os fatores internos da ciência, como argumentos teóricos e evidências experimentais em cada momento, (Barra, 1998)

A história da Ciência, Filosofia e Sociologia não tem todas as respostas para a crise da educação, mas podem humanizar as ciências e aproximá-las dos interesses pessoais, éticos, culturais e políticos da comunidade, podem tornar as aulas de ciências desafiadoras, reflexivas, permitindo deste modo o desenvolvimento do pensamento crítico, podem contribuir com o entendimento mais integral de matéria científica, ou seja a superação da falta de significado que inundaram as aulas de ciências com exemplos de equações e fórmulas recitadas sem saber onde estão inseridas, podem melhorar a formação dos professores auxiliando a compreender a estrutura das ciências bem como o espaço que ocupam no sistema intelectual das coisas.

Outros cursos serão ofertados pela IES, no 2º semestre com datas e temas a serem definidos.

O curso propiciou a discussão de temas importantes para o embasamento teórico do plano de trabalho. Propiciou a discussão das DCEs, dando subsídios para a elaboração do material didático, como o folhas OAC ou APC. Dentro da concepção Ciência como construção humana, falível e intencional, há necessidade de conhecermos um pouco mais sobre ciências, sua metodologia científica, como se dá a educação científica, quais as teorias de aprendizagem que estão inseridas dependendo do tempo, do espaço, o que fundamenta o ensino de ciências. E dentro de uma perspectiva histórica quais os avanços biológicos de acordo com a evolução científica.

O estudo adequado de alguns episódios históricos, permitem compreender as interações entre ciência, tecnologia e sociedade, mostrando que a ciência não é uma coisa isolada de todas as outras, mas sim faz parte de um desenvolvimento histórico, de uma cultura, de um mundo humano, sofrendo influências e influenciando por sua vez muitos aspectos da sociedade. Permitem perceber o processo social (coletivo) e gradativo de construção do conhecimento, formar uma visão mais concreta e correta da real natureza da ciência, seus procedimentos, suas limitações – o que contribui para um espírito

crítico e desmistificação do conhecimento científico, sem no entanto negar seu valor. Compreender que a ciência não é o resultado da aplicação de um “ método científico” que permita chegar a verdade, que as teorias científicas vão sendo construídas por tentativa e erro, e podem chegar a ser bem estruturadas, mas jamais podem ser provadas. O processo científico é extremamente complexo, não é lógico, e não segue nenhuma forma infalível. A ciência se desenvolve num contexto social, econômico, cultural e material bem determinado. A história da ciência nos permite saber qual a visão de ciência descreve a realidade. O estudo de história, filosofia e sociologia podem humanizar as ciências e aproximá-las dos interesses pessoais, éticos, culturais e políticos da comunidade, podem tornar as aulas de Ciências mais desafiadoras, reflexivas, permitindo deste modo, o desenvolvimento do pensamento crítico, pode contribuir com o entendimento mais integral da matéria científica, ou seja, a superação da falta de significados que inundam as aulas de ciências, podem melhorar a formação dos professores, auxiliando a compreender a estrutura das ciências, bem como o espaço que ocupam no sistema intelectual das coisas.

Os professores atuais e os que estão em formação devem se apropriar dos conhecimentos históricos, filosóficos e sociológicos do ensino de ciências para superar atual crise intelectual e social do ensino de ciências. Os conteúdos deverão ser enriquecidos com assuntos que promovam conhecimentos científicos, para além do senso comum, e que ressaltem as inter-relações entre o sujeito e o objeto de estudo.

As ciências de referência orientam a definição dos conteúdos significativos, fornecendo subsídios para a compreensão crítica e histórica do mundo natural ( conteúdo de ciência), do mundo construído ( tecnologia ) e da prática social ( sociedade ). Dentro destes conteúdos significativos estão os avanços em ciências, a biotecnologia, a genética e outros, mas o enfoque de maior relevância neste plano de trabalho, é o de inter-relação entre reprodução e sexualidade, que foi específico e que fundamentou o trabalho. O professor deve usar de uma multiplicidade de teorias, pois nenhuma será a solução dos problemas da educação, dependendo do momento, de como se dará a sua inserção dentro do conteúdo em sala de aula, talvez o construtivismo dê conta dos problemas da educação. Devemos perceber, e ser pluralistas, ou seja, enquanto não chegarmos ao consenso de que todos os alunos atingiram um bom nível de aprendizagem significativa, devemos alterar a metodologia. Na estratégia pluralista deve ser levado em conta o contexto, o nível de ensino, a série, o próprio contexto de professor para se encaixar esta prática em sala de aula.

Dentro dos diferentes modelos de professores, destacamos a importância de professor ser reflexivo, onde ele passa a investigar sua prática e verificar se realmente está ajudando na construção do conhecimento.

## 7.8 ATIVIDADES/DISCIPLINAS OPTATIVAS IES:

III Encontro para reflexão sobre homossexualidade, realizado nos dias 19/04/07 e 26/04/07 com dez horas de duração.

O curso propiciou momentos de auto-reflexão sobre nossos medos, tabus, sentimentos, limitações e tudo que nos impede de construirmos uma visão positiva e bonita da sexualidade.

O curso propiciou também, esclarecer muitas dúvidas sobre a homofobia, e termos utilizados referentes ao tema. Compreendemos a partir de um histórico as lutas,

conquistas, os direitos e esclarecimentos de dúvidas que os cursistas carregavam sobre a homossexualidade.

Houve reflexão das possíveis atitudes das pessoas diante da diversidade e aprendemos um pouco mais sobre o respeito, o amor entre as pessoas. E dentro do tema educação sexual é de extrema importância estarmos abertos, sem preconceitos para conseguirmos como professores instrumentalizar esses conteúdos junto a nossos alunos.

## 7.9 ATIVIDADES DE FORMAÇÃO E INTEGRAÇÃO EM REDE – PDE.

## 7.10 . ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO.

Com a realização prevista para o 2º período de 2007, pretendo elaborar como material didático o Projeto Folhas, pois como o trabalho será desenvolvido com alunos através de dinâmicas e o resultado dependerá de suas respostas, o material produzido será voltado para os alunos. Este material tem a finalidade de exemplificar o desenvolvimento de conteúdos de Ciências ( Sexualidade), privilegiando os conhecimentos físicos, químicos, e biológicos numa abordagem horizontal, na tentativa de promover uma maior aproximação do aluno ao caráter investigativo e reflexivo necessário ao ensino de Ciências, se aliando a uma metodologia problematizadora.

## 7.II. IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA

Objetivos:

- \* Ajudar crianças e adolescentes terem um visão positiva da sexualidade.
- \* Auxilia-los a desenvolverem uma comunicação clara nas relações interpessoais, a elaborarem seus próprios valores a partir de um pensamento crítico.
- \* Levar a compreenderem o seu comportamento e o do outro e a tomarem decisões responsáveis, desenvolvendo conhecimentos e atitudes em questão relacionadas à sexualidade, DSTs e Aids.
- \* Incentivar os adolescentes a escolherem um modo de vida saudável.
- \* Esclarecer dúvidas ou questionamentos dos adolescentes acerca do tema, pois necessitam ser respondidos de maneira franca e simples.
- \* Identificar o saber que cada adolescente traz para, a partir daí, introduzir os conceitos para assim aumentar a percepção de risco e orientar a adoção de práticas seguras.
- \* Incentivar os adolescentes a refletirem sobre as informações que já receberam, aprender a manejá-las e tomar decisões seguras para suas vidas.

Temática: Sexualidade.

Justificativa:

Uma vez que os adolescentes vêm demonstrando um apelo à sexualidade em idades mais precoces, adotando práticas e/ ou comportamentos que deixam sob maior riscos de infecções; e devido ao mesmo comportamento exacerbado identificado nos espaços escolares, que vem acarretando enormes prejuízos no processo ensino-aprendizagem, se faz necessário abordar o tema sexualidade em sala de aula.

Questões sobre papéis sociosexuais, desejos e pulsões, resposta sexual, mitos, tabus e credences sexuais, inadequações e disfunções, comportamentos sexuais alternativos

saíram da clandestinidade e estão desencadeando discussões acaloradas entre amigos, nos espaços externos, nas ruas, na mídia em geral. Ora de forma direta, clara, ora com deformações, deixando os jovens frequentemente desorientados com o excesso de informações recebidas.

#### Metodologia:

De acordo com a literatura, sabe-se que um projeto de educação sexual deve ser sistematizado, planejado, ter a participação da comunidade escolar e, principalmente, estar presente a família, para que ela tome conhecimento, dê sugestões e participe. Assegurando essas premissas básicas, o projeto tende a obter êxito. ( SUPLICY et. Al, 1995; MUNÕZ, 2004; EGYTO, 2003; GONÇALVES, 1993). Por isso primeiramente devem ser feitas reuniões com os professores e equipe pedagógica para explanação da proposta do trabalho, no sentido de sensibilizá-los, discutir, planejar e tomar algumas decisões para a aplicabilidade do projeto, procurando envolver a comunidade escolar. Num segundo momento, abrir espaço para reunião com os pais para esclarecer sobre o que será desenvolvido no projeto e convence-los da necessidade deste projeto educativo, procurando também envolvê-los a participarem.

Como proposta educativa deste trabalho, serão desenvolvidas algumas dinâmicas participativas, proporcionando aos alunos uma melhor compreensão e assimilação do tema. Para o desenvolvimento deste processo é importante levar em consideração o conhecimento e as experiências dos alunos, e, a partir disso, desenvolver habilidades para trabalhar com o grupo.

Após serem realizadas essas dinâmicas, serão determinadas várias datas para refletirmos sobre cada tema levantado alunos. Os resultados serão analisados posteriormente pela equipe pedagógica e professores da escola e comunidade escolar no geral.

#### Recursos:

TV, vídeo, retroprojektor.

Material de expediente: papel sulfite, fitas crepe, cartolina, canetas, pincel atômico, cartolina, transparências.

## 7.12. AVALIAÇÃO E REGISTRO DOS RESULTADOS DO TRABALHO.

Entendemos que a avaliação deve ser um processo contínuo, sistemático e progressivo de todas as atividades desenvolvidas pelo professor Pde, seja de forma coletiva ou individual, correspondendo a uma concepção diagnóstica de avaliação.

A avaliação será através da análise, pesquisas, estabelecendo correlações, e ampliando a visão de mundo, aprofundando questões e dialogando, construindo significados de aprendizagem para os sujeitos e para a coletividade, assim nessa perspectiva a avaliação será através dos Planos de Trabalho durante o desenvolvimento das atividades.

## 8 CRONOGRAMA

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES											
ATIVIDADES PROPOSTAS/ PERÍODO	1º PERÍODO					2º PERÍODO					
	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	
AULA INAUGURAL	X										
ESTUDOS ORIENTADOS	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
ENCONTROS DE ORIENTAÇÃO		X	XX	X							
ORIENTAÇÃO DOS GRUPOS DET.REDE											
ENCONTROS REGIONAIS		X									
ENCONTROS DE ÁREAS ESPECÍFICAS				X							
SEMINÁRIOS ESPECÍFICOS PDE			X X								
CURSO IES				XXX							
				XXX	XX						
ATIVIDADES DISCIPLINAS OPTATIVAS IES			(10 H) X								
ATIVIDADES DE FORMAÇÃO E INTEGRAÇÃO EM REDE											
ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO						X	X	X	X	X	
IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA											X
AVALIAÇÃO		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

### LEGENDA

**X = 8 Horas de atividades não realizadas**

X = 8 Horas de atividades realizadas

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

### - Livros:

ABRAMOWICZ, Anete; Sivério, Valter Roberto (orgs). Afirmando diferenças: montando o quebra-cabeça a diversidade na escola. Campinas: Papirus, 2005.

AQUINO, Júlio Groppa ( org). Sexualidade na Escola :Alternativas Teóricas e Práticas. São Paulo: Sumus;1997.

CHAUÍ, Marilena. Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Editora Brasileira, 1985.

CHAUÍ, M. Educação sexual: instrumento de democratização ou de repressão? Cadernos de pesquisa, São Paulo, n. 36, 1981.

EGYTO, Antonio Carlos. A orientação sexual veio para ficar. Informações 1, 2001.  
Disponível em : <<http://www.gtpos.org.br>>.

FIGUEIRÓ, Mary N. D. a produção teórica no Brasil sobre educação sexual. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, 1996.

FIGUEIRÓ, Mary N. D. Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível. Campinas, SP: Mercado de Letras; Londrina .Eduel, 2006.

FIGUEIRÓ, Mary N.D. Homossexualidade e Educação Sexual: construindo o respeito à diversidade. Londrina: UEL, 2007.

FIGUEIRÓ, Mary N.D. Homossexualidade e Educação Sexual: construindo o respeito à diversidade. Londrina: UEL, 2007.

FIGUEIRÓ, Mary N. D. Educação sexual no dia-a-dia. Londrina. Londrina, 1999.

LORENCINI JUNIOR, Álvaro. Os sentidos da sexualidade; natureza, cultura e educação. In: AQUINO, Júlio Groppa ( Org ). Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Sumus, 1997

NUNES, César; Silva, Edna. A educação sexual da criança: subsídios e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. ( Polêmicas do Nosso Tempo).

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Sexualidade e Educação sexual: apontamentos para uma reflexão ( org). São Paulo: Cultura Acadêmica. Editora, 2002.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal ; Reis, Giselle Volpato. História da educação. José de Albuquerque e a formação sexual nas escolas de 1920-1950: Um estudo bibliográfico. UNESP,2007.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio Groppa ( Org). Sexualidade na escola, alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Sumus, 1997.

SUPLICY, Marta. Sexo para adolescentes. São Paulo: FTD, 1978.

## Artigos:

Ética, Mídia e Sexualidade. Paulo Roberto Ceccarelli – Jornal do psicólogo. 15/06/03. Vivendo a adolescência. 29/08/05.

IgrejaXMinistério da Saúde: camisinha na escola orienta ou desorienta? .Reinaldo Azevedo de 02/06/07. Saúde na Escola Maria do Perpétuo Socorro ; M. T. Azevedo;Moreira José A ; Conforto, Maria.2007.

Educação Sexual em Contexto Escolar: da formação de professores à sala de aula. Eliane Gonçalves. 01/06/07.

Dissertação de Mestrado- A sexualidade como dispositivo histórico de poder. Nailda Marinho da Costa bonato R. J,2007.

Dissertação de Mestrado- Projetos de Orientação Sexual na Escola: Seus Limites e Suas Possibilidades. Virgínia Iara de Andrade Maistro em 08/06/06.